

ENTRE SILENCIAMENTOS E A OPORTUNIDADE DO SILÊNCIO: RELATOS E ESTRATÉGIAS DE DISCENTES NEGROS NO CURSO DE PEDAGOGIA

Ana Maria Silva Leite¹;

Maria Izabel Machado²

Resumo:

Durante o período de graduação em Pedagogia dentro de uma instituição pública, estudantes negros enfrentam caminhos repletos de obstáculos. Devido a essas características diversas, o presente estudo procura compreender as trajetórias desses estudantes dentro da academia. Para tanto, os dados empíricos foram coletados por meio de pesquisas qualitativas com graduandos autodeclarados negros que estão há mais de dois anos dentro faculdade, utilizando conceitos de raça e racismo a partir de suas narrativas. Como resultado percebeu-se que o ambiente acadêmico promove além do racismo, o silêncio como um mecanismo de subalternização. Porém, posteriormente, ao longo do tempo, esse silêncio se torna uma estratégia de resistência e sobrevivência dentro da graduação.

Palavras-chave: Universidade. Professores. Racismo. Sujeito. Preto.

Abstract:

During their undergraduate studies in Pedagogy within a public institution, Black students face paths filled with obstacles. Due to these diverse characteristics, the present study seeks to understand the trajectories of these students within academia. To this end, empirical data were collected through qualitative research with self-identified Black undergraduates who have been in college for more than two years, using concepts of race and racism derived from their narratives. As a result, it was noticed that the academic environment not only fosters racism but also silence as a mechanism of subjugation. However, subsequently, over time, this silence becomes a strategy of resistance and survival within the undergraduate program.

Keywords: University. Professors. Racism. Subject. Black.

1 Introdução

Durante a trajetória de estudantes negros dentro de uma universidade federal, são trilhados caminhos diversos a fim de sobreviver dentro do ambiente acadêmico. Nesse contexto, suas próprias jornadas os levaram a buscar ferramentas para auxiliá-los na conclusão desse ciclo. Uma dessas ferramentas é a possibilidade do silêncio. O presente artigo procura compreender as razões pelas quais esses sujeitos sentem a necessidade de escolher o silêncio como uma estratégia para manter sua resistência física e mental dentro da universidade. Esse texto é parte de um trabalho de conclusão de curso de uma estudante

¹ Discente – Universidade Federal de Goiás – E-mail: amaria7@discente.ufg.br;

² Professora Adjunta – Faculdade de Educação – Universidade Federal de Goiás – E-mail: mariaizabelmachado@ufg.br

negra, que experimentou em primeira mão como o silêncio se instaura e, por vezes, se mantém.

A universidade enquanto instituição não está isolada das demais instâncias da vida social; ela reflete, reproduz e retroalimenta práticas do que tem sido chamado de racismo estrutural. Por muitos anos, foi negado às pessoas pretas o direito ao letramento e à educação como um todo. Seria ingênuo pensar que a instituição acadêmica também não sofreria com os resquícios de um passado escravocrata. Apesar dos avanços obtidos com políticas de ação afirmativa, como as cotas raciais e as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que introduziram conteúdos de educação antirracista nos currículos, a universidade ainda se mostra um ambiente distante das realidades da população negra, e aos poucos que adentram precisam enfrentar cuidadosamente os obstáculos apresentados.

Embora tenham sido dados alguns passos em direção às reparações necessárias, como políticas de ações afirmativas e inclusão de conteúdos antirracistas nos currículos, a ausência de discussões sobre a educação antirracista e letramento racial ainda marca as instituições de ensino, principalmente no ambiente universitário público. Portanto, este artigo procura investigar por meio de entrevistas em profundidade com estudantes negros do curso de Pedagogia seus relatos e experiências dentro da academia, abordando suas possibilidades e desafios. Ao lidar com esses estudantes, muitas vezes marginalizados (tanto por fatores externos, mas também pela própria instituição), foram identificadas diversas estratégias para garantir a conclusão do curso, sendo o silêncio apenas uma delas.

O silêncio dentro das salas de aula, nos planos de ensino, na didática de docentes e em outros aspectos, levou esses estudantes a adotarem essa ferramenta. Apesar de visto com maus olhos, o silêncio aqui mencionado é uma forma de autocuidado, não uma abstenção de discussões. A questão racial deve ser debatida, mas não cabe apenas ao estudante negro assumir esse papel. O silêncio, portanto, surge em diversas ocasiões e é utilizado como uma forma de trato consigo mesmo dentro da universidade.

Silêncios ensurdecadores sobre essas questões impedem que temas sociais cruciais, que afetam diariamente estudantes negros, sejam abordados. Nas raras ocasiões em que o pacto de silêncio é rompido e as tensões vêm à tona, há uma tendência de colocar as pessoas negras como as únicas responsáveis por compreender o racismo e suas dinâmicas, desobrigando os demais de participar das transformações necessárias. O racismo aqui é visto como um fenômeno individual, institucional, estrutural e cotidiano.

2 Referencial Teórico

Esse trabalho se trata de uma pesquisa social, na qual se preocupa em colocar os entrevistados enquanto sujeitos de suas trajetórias. O sujeito, conforme colocado por bell hooks em “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” (2017) é aquele que tem direito de colocar suas próprias realidades e nomear sua história e identidade. Enquanto o objeto tem a realidade definida por terceiros, sendo o sujeito responsável por estabelecer como serão as relações entre eles e os “objetos”. Escrevo de uma perspectiva dos entrevistados, mas também a minha própria sobre um local em que só nós estamos. Na Universidade, somos minoria, apesar de representar quase metade da população, por isso ainda somos vistos como estranhos dentro da academia. Colocado por Sueli Carneiro em *Escritos de uma vida* (2020):

Somos oficialmente 45% da população do país e apenas 2% de nós adentram no ensino universitário. Esse é o patamar de “equidade” alcançado [...] apesar da democratização do acesso ao sistema educacional e da melhoria dos níveis educacionais de negros e brancos, desde a década de 20 do século anterior até o presente a diferença da escolarização de negros e brancos se mantém inalterada (Carneiro, 2020, p. 148).

Ao tratar da população negra, indissociavelmente precisamos tratar sobre raça. Não importa quem você seja, se você for negro, a sua cor é a primeira coisa que vão notar. Almeida (2019), coloca que “Os eventos da Segunda Guerra Mundial e o genocídio perpetrado pela Alemanha nazista reforçaram o fato de que a raça é um elemento essencialmente político, sem qualquer sentido fora do âmbito socioantropológico” (Almeida, 2019, p. 31). Ou seja, raça sempre foi e ainda hoje é uma categoria utilizada para justificar práticas racistas, com uma tentativa ou conquista da sua própria naturalização e institucionalização.

O conceito de raça em si será desenvolvido aqui a partir das contribuições do autor Almeida (2019). Para o autor, o racismo é sempre estrutural e contempla a organização política, social e econômica do indivíduo, sendo essa “contemplação” indissociável. Dessa forma a universidade também é considerada uma extensão dessa organização: “Em outras palavras, é no interior das regras institucionais que os indivíduos se tornam sujeitos, visto que suas ações e seus comportamentos são inseridos em um conjunto de

significados previamente estabelecidos pela estrutura social” (Almeida, 2018, p. 38). Tais significados colocam esses estudantes negros da graduação em um lugar para o qual foram direcionados a estar, e as instituições têm grande responsabilidades nisso.

Determina o indivíduo negro como objeto para ser observado, para Grada Kilomba (2020) é transformá-lo em tudo aquilo que o sujeito não quer ser. Projetam em nós características que serão reproduzidas como ruins; será espelhado na pele preta tudo aquilo que o branco não quer em si, definindo, por exemplo, o branco como puro e limpo e o negro, como sujo e impuro. Adilson Moreira em *Racismo Recreativo* (2019) destaca que:

[...] a racialização dos indivíduos cria diferentes tipos de identidade que terão diferentes valores em uma sociedade. Se a racialização de pessoas de origem africana como negras designa um lugar de subordinação, a racialização de pessoas de origem europeia como brancas indica uma forma de identidade que goza de status privilegiado (Moreira, 2019, p. 54)

Esse gozo do privilégio, acontece de maneira estruturante e por meio de discriminações. A discriminação racial é uma estratégia de sobrevivência branca. Por vezes dentro das universidades, estudantes são colocados nesse espaço de negação, de sua existência, de suas dores. E esses casos de discriminação levam à estratificação social. A estratificação social está relacionada com a classificação dos indivíduos de acordo com sua situação econômica. Ela afeta a vida de pessoas negras de tal forma que colocam a chances de ascensão social e financeira em risco. Essa forma sistemática que ressoa em todas as camadas da existência desse corpo negro também estará presente dentro da academia, através do racismo institucional:

O domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade. Assim, o domínio de homens brancos em instituições públicas – o legislativo, o judiciário, o ministério público, reitorias de universidade etc – e instituições privadas – por exemplo, diretoria de empresas – depende, em primeiro lugar da existência de regras e padrões que direta ou indiretamente dificultem a ascensão de negros e/ou mulheres, e em segundo lugar da inexistência de espaços em que se discuta a desigualdade racial e de gênero, naturalizando assim, o domínio do grupo formado por homens brancos. (Almeida, 2018, p. 40)

O racismo institucional coloca o indivíduo (seja ele estudante ou professor) mesmo antes de sua formação nessas construções racistas, porque são essas instituições – escola, igreja, ambientes públicos e privados – que irão moldar o comportamento desse professor. Além da concepção institucional do racismo trataremos da questão individualista que se garante dentro das instituições e dentro dos indivíduos e suas subjetividades. Isso é reproduzido pelo funcionamento, pelas regras, pelas grades de aula, pelos professores, pelos textos usados dentro das salas, por falas de corredor, entre alunos e professores. Em uma sociedade construída sobre pilares racistas, é necessário que a instituição gere conflitos e questionamentos sobre esses processos. Este aviso é dado por Almeida (2019):

As instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade. [...] as relações do cotidiano no interior das instituições vão reproduzir as práticas sociais corriqueiras, dentre as quais o racismo, na forma de violência explícita ou de microagressões – piadas, silenciamento, isolamento, etc. [...] toda instituição irá se tornar uma correia de transmissão de privilégios e violências racistas e sexistas. (Almeida, 2019. p 48).

Não é pelo fato de o racismo ser estrutural que não seja passível de mudança, nem que os indivíduos que se utilizam dele não devam ser responsabilizados por seus atos. O silêncio auxilia na manutenção desse racismo. A manutenção do racismo é um processo para Silvio Almeida, tanto político quanto histórico. Político, porque o sistema de discriminação tem influência direta na organização da sociedade; é ele quem determina os grandes poderosos, é ele que vai dizer que o branco sobe e o preto desce. É o local em que a política irá se regularizar, pois além do caráter institucional ela também pesa dentro da ideologia, pois consegue produzir narrativas extremamente racistas.

Do ponto de vista do processo histórico, leva em conta que a estrutura social foi formada a partir de vários contextos históricos ao longo do tempo. Esses contextos históricos geraram experiências sociais, decisões políticas que acarretaram, por exemplo, na escravidão. A formação histórica gerou a escravidão, e a história da escravidão foi o que culminou nesses processos de discriminação atualmente. Caso a história social fosse diferente, os dias atuais poderiam ser diferentes. A experiência das estudantes negras dentro da universidade ainda hoje é cercada por momentos de experimentação de diferentes tipos de racismo, que ocorrem em todas as esferas dentro da instituição.

3 Metodologia

A abordagem metodológica adotada foi a qualitativa, tal como conceitua Minayo (2016) sobre a pesquisa social só nasce a partir de um questionamento que antes de perguntado foi vivido. Em suas próprias palavras, no escrito Pesquisa Social a autora coloca: “[...] nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática” (Minayo, 2016, p.16).

Sendo assim, será adotado a pesquisa qualitativa como método de pesquisa, procurando através dos relatos de suas experiências compreender sua trajetória dentro da universidade. Os sujeitos de pesquisa são os estudantes negros (as) do curso Pedagogia, que estavam com mais de 2 anos de Universidade, entre o 5º e o 8º período. No curso em questão, o quantitativo de estudantes é de 60 pessoas por turno, e a amostra abrangeu estudantes tanto do turno matutino quanto do noturno. São estudantes de uma mesma universidade, que experimentaram de um mesmo grupo docente. As pessoas entrevistadas foram consultadas sobre a possibilidade da entrevista ser realizada pela internet (Google Meet) ou redes sociais (WhatsApp), visto que esse trabalho foi realizado durante a pandemia de COVID-19, em 2021. As entrevistas foram realizadas de maneira digital, por meio do *Google Meet*, plataforma para videoconferências, ou WhatsApp que poderia ser respondido via texto ou áudio. As entrevistas realizadas pelo *Google Meet* foram gravadas com a permissão dos entrevistados, e apenas seu relato em áudio serão utilizados. Aqui reforçamos o sigilo das identidades aqui relatadas.

Considerando que a pesquisa em questão foi autorizada junto ao Comitê de Ética em Pesquisa informamos que os nomes foram trocados a fim de preservar a identidade dos participantes. Foram utilizados neste trabalho nomes de pessoas negras brasileiras que foram vítimas do racismo do Estado, em que infelizmente são mortas todos os dias nas periferias brasileiras. Ao colocar e lembrar seus nomes, definimos seus status enquanto sujeitos e não estatísticas.

Kathelen Romeu será o nome da nossa primeira entrevistada. Kathelen foi uma mulher negra de 24 anos que foi brutalmente assassinada pela PM na Zona Norte do Rio de Janeiro. No momento de sua morte, ela estava grávida de 14 semanas. Miguel Otávio será o nome do nosso segundo entrevistado, que tinha 5 anos quando caiu do 9º andar de um prédio de luxo em Recife. Em meio à pandemia, a mãe de Miguel estava trabalhando como doméstica. Após a dona do apartamento pedir para que a mãe de Miguel passeasse com o seu cachorro, a moradora colocou uma criança de 5 anos dentro de um elevador para que ele achasse sua mãe sozinho. Jenifer Cilene Gomes será o nome da nossa terceira entrevistada. Jenifer tinha 11 anos quando foi atingida dentro de sua casa por uma bala

"perdida" na Zona Norte do Rio de Janeiro. Ágatha Vitória Sales Félix é o nome da nossa quarta entrevistada. Ágatha foi atingida por uma bala vinda da arma de um policial, em um momento em que não havia confronto com ninguém. Kethellen Umbelino de Oliveira Gomes, com 5 anos, foi atingida na perna por uma bala perdida no dia 12 de novembro. Kethellen será o nome da nossa quinta entrevistada.

Os resultados da análise dessas entrevistas foram divididos em dois blocos. O primeiro discorre a partir da necessidade desses acadêmicos de se compreenderem enquanto pessoas pretas devido ao silêncio imposto dentro dos currículos obrigatórios. O segundo bloco trata de como os resultados desse silêncio do currículo geram a quietude desses estudantes pretos para a manutenção de sua existência dentro da Universidade.

4 Resultados e Discussão

- **DA COMPREENSÃO AO CANSAÇO**

Para a construção deste trabalho, nos apoiaremos em algumas categorias que serão utilizadas ao longo do texto e, principalmente, nas análises das entrevistas. Escrevemos de uma perspectiva em que o entrevistado está presente. Na universidade, embora a política de cotas tenha inserido pessoas pretas e pardas, ainda são vistas como estrangeiras dentro do ambiente acadêmico. E, pela vontade de serem sujeitos, muitas vezes nem sequer são escutadas. Grada Kilomba, em "Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano" (2020), explora como estabelecemos esse espaço de escrita:

Não sou o objeto, mas o sujeito. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político. [...] enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou (Kilomba, 2020, p. 28).

Escrever aqui é um ato de descolonização, pois é o sujeito escrevendo sobre sujeito, estabelecendo o direito de ser sujeito. Essa descolonização é necessária devido ao genocídio físico e moral da população negra. É devido a ela e ao conceito de raça que vivemos como vivemos hoje, é pela história social de colonização que escrevemos este trabalho. É pela oportunidade da Escrivivência, como colocada por Conceição Evaristo (1995).

Ao entrar no ambiente acadêmico, começamos a perceber o mundo de maneira mais séria e teórica, seja pela maturidade adquirida ao longo dos anos ou por estar na

faculdade. Se compreender enquanto uma pessoa preta na prática, na vida social, embora nada fácil, é assimilado rapidamente por esses indivíduos racializados. Entretanto, entender historicamente/teoricamente o que é ser uma pessoa preta para a maioria, foi uma trajetória trilhada dentro da universidade.

A universidade enquanto instituição não se desprende da realidade social, até mesmo porque quem compõe o corpo docente também compõe a sociedade. A entrada de uma pessoa negra em uma faculdade ou o fato de serem a maioria da população não garante, nem de longe, estudos racializados, leituras de teóricos pretos, nem nada disso. Talvez a falta dela dentro da matriz curricular seja o que desenvolve o desejo de compreender essa lacuna. Dentro do currículo de Pedagogia, ao conversar com os entrevistados, foi notada a dificuldade de encontrar matérias específicas que tratam sobre raça; eram sempre uns tópicos discutidos em alguns minutos durante o período da aula.

Sendo esses pequenos minutos relatados por esses estudantes, é notada a necessidade de compreender inteiramente algo que não poderia ser modificado ou trocado: o seu tom de pele e suas ramificações sociais. De maneira superficial, assimila-se que o sofrer racismo advém das questões de escravização da população negra durante a colonização e os atrasos ideológicos que foram colocados em cima de pessoas pretas. Mas o significado do ser preto(a) infere o ser sujeito e suas oportunidades, conforme relatado aqui pelo Miguel, que complementa:

Eu sempre estudei com muita gente preta, a vida inteira eu estudei em uma escola pública né, num bairro bem mais afastado do centro, então o que mais tinha era preto. Ser preto nunca foi uma questão pra mim, pra mim eu era gay e essa era minha luta e só. Mas quando eu entrei na faculdade que eu percebi que tinham mais coisas que me atingiam, porque parecia que não era só o fato de eu usar short que incomodava sabe? Porque tinham outros homens gays que também usavam short nas outras turmas e quando eu falava com eles sobre o tratamento que eu recebia das professoras não batiam com o tratamento que eles recebiam, ai eu achei esquisito né (Miguel, 2022).

Tornar-se Negro, livro de Neusa Santos Souza escrito em 1983, aponta o que é ser negro em uma sociedade em que todas as expectativas colocadas são brancas e europeias. Para aqueles que não conseguem se encaixar nessas expectativas brancas, deixam de ser o “eu” para se tornar o “outro”. De acordo com Grada Kilomba em seu livro *Memórias da Plantação: Episódios do Racismo Cotidiano* (2019), o outro sempre é o antagonista do eu, em que a pessoa preta é uma projeção de tudo aquilo que o branco considera ruim.

Grada Kilomba continua dizendo que a construção da pessoa negra no colonialismo foi feita a partir dessa visão de outro, em que o imaginário social branco definiu o que seria ser negro. Ser negro, dentro de uma sociedade branca, nada mais é do que as fantasias do homem branco sobre o que a negritude se parecia ou deveria ser. É nesse aspecto que conseguimos perceber como as pessoas negras escravizadas eram vistas como "feitas para o serviço braçal", visto que essa era a expectativa branca em relação às pessoas pretas para que continuassem a realizar o serviço pesado que eles mesmos não gostariam de fazer.

A universidade, enquanto instituição, é carregada das mais diversas dessas expectativas brancas. Entre os relatos, como exemplo, estão as expectativas/suposições de gestores de que todas as pessoas negras que estejam na universidade sejam cotistas. Buscar o conhecimento racializado veio, para os nossos entrevistados, a partir da necessidade de se distanciar dessas fantasias. Quando as expectativas brancas são impostas e servidas como obrigações, é que surge a carência de perspectivas pretas. Neusa Santos, afirma:

Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que segure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração (Santos, 1983, p. 115).

Entretanto, estabelecer consciência de ser preto dentro de uma instituição branca não é fácil. A partir do momento em que toma consciência da estrutura, é complicado seguir uma vida plena e tranquila dentro de qualquer instituição. Nilma Lino Gomes, em uma conferência na Faculdade de Educação da UFMG em que tratava sobre as cotas e a presença negra dentro das universidades, completa:

As cotas raciais têm mostrado quão racistas somos nós, pois elas fazem cair as máscaras daqueles que discursavam pela igualdade, mas que não suportam a equidade. Uma prova de que a universidade precisa superar o racismo reside no próprio fato de que a presença de mais negros nesse ambiente gera ressentimento entre setores da instituição e da sociedade. É como se tivesse sido tirado deles o privilégio de ocupar os espaços na universidade em quase sua totalidade (Gomes, 2019).

Os estudantes pretos dentro da universidade são cutucados diariamente com falas, discursos e atitudes que aos olhos de quem não quer enxergar podem até parecer besteira. Porém, para qualquer pessoa preta, depois de alguns segundos de reflexão (ou absorção da situação), trata-se exclusivamente de racismo.

As poucas discussões que tratam sobre raça dentro dessas universidades levam as pessoas pretas ao que chamamos popularmente de “local de fala”. São elas que serão responsáveis por falar sobre as problemáticas de raça e racismo dentro das instituições. O local de fala é trivialmente definido por quem tem propriedade para falar sobre o tema. Quem melhor para tratar sobre educação infantil do que uma professora da educação infantil? Quem melhor para falar sobre questões raciais e racismo do que uma pessoa preta? Então, serão elas colocadas em um lugar no qual não pediram para estar. Tornar-se um “porta-voz” da negritude dentro de uma sala em que a maioria é branca se torna exaustivo para a maioria dessas pessoas pretas.

Uma reflexão importante a fazer aqui é compreender esse aspecto do que acontece dentro desse local de fala, que é quando estamos em sofrimento. Seja ele qual for, sofrimento físico ou psicológico, perda de alguém ou rompimento de relações, falar sobre isso sempre é difícil. Para alguns entrevistados pretos, tratar de racismo também é sofrimento, lidar com questões que os atravessam desde antes do dia do seu nascimento é também um momento difícil.

Dentro das salas de aula, nesses momentos de diálogo sobre questões de raça e racismo, os olhares sempre se voltam para a pessoa preta presente. Há uma expectativa de diálogo que é colocada novamente, como uma expectativa dessas pessoas brancas sobre pessoas pretas acerca do tema. No entanto, o “diálogo” só acontece se a parte geradora dessa expectativa estiver de acordo com o que é relatado, e se não estiver, é capaz de definir sentimentos que nunca foram sentidos por eles. Relatar, dialogar e ainda ser questionado sobre tais perspectivas desse mesmo sofrimento é fatigante.

- **DA FADIGA ATÉ O SILÊNCIO**

Após passarem por esses momentos em que pessoas pretas são colocadas dentro desse “local de fala”, muitas vezes não requisitado, juntamente com as entrevistas realizadas, é perceptível que na maioria das vezes o silêncio se tornou presente na vida dessas estudantes negras. Esse silêncio mencionado aqui não é o silêncio que concorda com atitudes racistas, que ignora falas preconceituosas ou que apaga a discriminação. É o silêncio que protege.

Esse silêncio protetor surge do fato de que discutir sobre raça em um ambiente acadêmico que se estabeleceu em bases brancas e racistas, e onde a maioria é composta por pessoas brancas, é extremamente turbulento. O espaço de fala, em que pessoas brancas geram expectativas sobre as falas de pessoas pretas quando se trata de temas relacionados à raça, frequentemente é acompanhado de falas racistas. Isso decorre

principalmente desses indivíduos que inicialmente deram a “oportunidade” de abordar a temática.

Ter uma pele preta já é uma sobrecarga. Ao acompanhar notícias, reportagens, *timelines* do *Twitter* (atual Rede X), posts no Instagram, a todo momento pessoas pretas são bombardeadas com tragédias que aconteceram com outros pretos pelo simples motivo de serem pretos. Observar a coletividade negra sendo assassinada por terem a pele parecida com a nossa é motivo de dor. Infelizmente, aqui com um discurso pessimista de não acreditar na possibilidade de dissociação, a maioria das pessoas de pele preta eventualmente passará por várias situações desagradáveis.

O racismo permeia a instituição, a estrutura social e os indivíduos, fazendo com que esse mesmo sistema as atinja por todos os lados, sem passar despercebido. Ágatha Vitória, ao passar somente pelo Sistema de Seleção Unificada, acabando de sair do ensino médio, já entenderia até que ponto isso poderia transparecer em sua trajetória acadêmica:

Eu já fui esperando né, não acreditei que era diferente não, até prestei vestibular pra Bahia, Salvador mesmo, mas a minha nota de corte não deu, mesmo sendo cotista, aí eu fiquei onde eu passei que era aqui né, não tinha outro jeito. Mas assim até hoje eu posso julgar como uma experiência normal porque a gente não pode fingir que essa questão de raça não ta em todo lugar né? Infelizmente ta não tem jeito, ai eu já sabia também que que eu ia escutar, que que ia me esperar então entrei bem desconfiada já sobre como seria o processo. Mas eu não achei que seria dessa forma também (Ágatha, 2022).

Quando perguntada sobre o que seria “essa forma”, Ágatha complementa:

Ah você sabe, de um jeito tão direto assim, porque normalmente quando a gente fala sobre raça e racismo as coisas acontecem de maneira mais indireta, com falas, tons, mas aqui não, aqui eles fazem uma *live* pra mostrar que a faculdade inteira faz vergonha. Aqui eles não parecem temer porque a gente sabe que tem todo um grupo por trás pra proteger quando eles soltam coisas racistas, sempre tem alguém por trás pra falar que tá tudo bem passar o famoso pano, e eu acho que é por isso que o povo não tem vergonha. Eles não têm vergonha de serem racistas mas quando chamados de racistas ai o bicho pega (Ágatha, 2022).

Essa fala de Ágatha trata dos episódios de racismo durante o período de aulas virtuais na pandemia do COVID-19. Ela enfatiza diversas vezes como dentro da instituição o racismo é praticado de maneira direta.

Em resumo da situação dessa *live*, após um comentário racista de uma professora da Pedagogia para uma estudante de outro curso repercutir além do esperado, foi decidida a necessidade de realizar uma *live* no *YouTube*, usando a página da instituição federal.

Diretores, coordenadores e professores se reuniram com a discente e outros graduandos para "pedir desculpas". O que era para ser um pedido de desculpas se tornou uma *live* de explicação, cercada de discursos como "*Quem me conhece sabe*". Além disso, foi aberta uma votação entre os próprios professores para decidir se a professora em questão havia sido racista ou não, mesmo que a vítima na própria *live* confirmasse que a professora (branca, loira, cristã e doutora) havia sim sido racista.

Conforme tratado pela concepção estrutural do racismo, dentro das instituições elas também fazem parte da estrutura. As instituições são colocadas por Silvio Almeida como a materialização da estrutura social. Nesse caso específico da *live*, em que professores brancos se juntaram para tratar e discutir se foi racismo ou não, é descrito por Reni Eddo-Lodge na descrição do que é racismo estrutural:

[...] são dezenas, centenas ou milhares de pessoas com os mesmos vieses que se juntam para formar uma organização e agir de acordo. O racismo estrutural é uma cultura de local de trabalho impenetrável e branca criada por pessoas, onde qualquer pessoa que não se enquadre na cultura deve se adaptar ou enfrentar o fracasso (Eddo-Lodge, 2019, p. 66).

Ignorando as falas dos estudantes e do chat, redigiram um texto e colocaram os docentes para assinar o documento, afirmando que a fala da professora não teria sido racista, invisibilizando qualquer dor que essa estudante sentiu. Tal situação também foi comentada por um dos entrevistados que disse:

Foi um show de horror. O nosso curso ali sendo exposto, o povo no chat tudo falando coitado dos estudantes pretos de lá, e o pior de tudo é que ninguém mentiu. Coitados mesmo da gente, por que essa menina que sofreu tem a opção de não pegar mais aula aqui mas e a gente? Faz o que? Escuta calado porque nunca tem opção melhor. Quem tá lascado é a gente, é a gente que tem que ficar quieto porque quando a gente resolve falar é essa baixaria sem tamanho (Miguel, 2022).

A *live* teve uma certa repercussão, principalmente na rede social *Twitter*, em que houve vários comentários surgindo a partir das atrocidades reproduzidas ao vivo. Esses comentários envolviam principalmente que os estudantes do curso de Pedagogia estavam fadados a sofrer com seus docentes; entre eles, houve um *tweet* (um post, que pode ser colocado em poucas palavras) de maior repercussão. O *tweet* se tratava de uma estudante negra que, no ato da matrícula pela coordenadora de curso da época, antes mesmo de dizer seu nome, foi encaminhada à banca de cota racial.

Esse *tweet* alcançou cerca de 56 curtidas naquele dia. Em relação ao *Twitter* e ao assunto ser o curso de Pedagogia, era notável o número de impressões/interações. Mas por pouco, essas impressões não se tornaram um problema gigante. Cerca de uma semana após o comentário dessa estudante, durante uma aula online, o *tweet* dessa estudante foi exposto pela professora que ministrava aquela aula. A professora relatou que o *tweet* era sobre ela, visto que era a coordenadora na época citada, e acrescentou que era um comentário mentiroso em relação à sua pessoa, em que a colocava como uma pessoa racista. E que essa aluna que colocou esse comentário se escondia atrás de uma rede social com uma foto falsa.

A dona do *tweet* estava na sala no momento. Mesmo quando já havia se enchido de promessas sobre não tratar mais de raça e racismo, ainda assim resolveu se manifestar ao perceber que a movimentação da sala parecia ir de acordo com a fala da professora. Após o relato da aluna sobre o ocorrido naquele dia, que, em resumo, contou: no primeiro dia de matrícula, ao perguntar para uma mulher loira de olhos azuis que estava ao lado de uma placa indicando “pedagogia”, perguntou à mesma se aquele seria o lugar para a realização da matrícula. Sem ao menos perguntar à aluna, essa mulher (que posteriormente foi-se descobrir que se tratava da coordenadora) pediu que primeiro ela se encaminhasse para o comitê de cotas.

Vale ressaltar aqui que cota é um direito necessário. Por uma questão histórica em que pretos e indígenas foram impedidos de viver suas vidas por conta da escravidão e genocídio que respigam em nós até os dias de hoje. Cotas é direito, é uma questão de reparação histórica, uma das poucas oportunidades hoje que visam a inclusão dessas pessoas dentro de um lugar que deveria ser nosso por direito. Entretanto, a presença não tão expressiva de pessoas negras dentro da universidade aflora ainda mais os sentimentos fantasiosos sobre esses corpos. “A implementação de ações afirmativas, com destaque para aquelas destinadas à população negra, revelou várias outras questões que pareciam não existir. A discussão racial levantou uma série de outras problemáticas de negação de direitos que estavam encobertas” (Gomes, 2019).

A sugestão de que qualquer pessoa preta ingressante em uma universidade federal seja cotista é a perpetuação dessas fantasias. Entretanto, essa estudante em questão não faria parte das pessoas que passaram pelo sistema de inclusão no SISU (Sistema de Seleção Unificada); ela teria ingressado por ampla concorrência. Não por uma questão de mérito, mas porque hoje, no SISU, para se enquadrar nas regras de cotistas, é necessário

ter baixa renda ou ter estudado em escola pública durante todos os anos do ensino médio, condições que ela não preenchia.

Ao relatar a essa coordenadora que não se tratava de um caso de cotista, e sim de ampla concorrência, essa professora tocou na estudante, elogiando sua pele e seu cabelo. A todo momento, durante o relato, a professora discordava com a cabeça e a interrompia, falando que não se reconhecia dentro do discurso da estudante. A estudante afirmou que não sabia que essa professora era a coordenadora da época, visto que a quantidade de mulheres loiras dentro da universidade era gritante. Estudantes pretas (os) dentro da academia desviam desses professores e professoras que contêm um histórico racista, como uma estratégia de sobrevivência, aqui relatado por Jenifer:

Já ouvi falar de histórias também com professores tendo atitudes racistas com alunos na sala de aula...eu né, sei quem é, sei o que causou, mas não lembro do acontecimento em si, e sei que tem histórias. E que eu evito essa professora.... Ixi deu pra saber que era mulher (Risos). Enfim não pego aula com ela de jeito nenhum (Jenifer, 2022).

A coordenadora do relato acima, continuou discursando sobre ser uma vítima e que a estudante não havia dado lugar para que ela pudesse se defender. Falou sobre seus amigos, sobre sua vida profissional e que o fato de ser uma pessoa tão estudada, não faria sentido nenhum ser racista. Ela só não contava com a presença da estudante do twitter na sua turma. Ao fim da aula, não houve pedidos de desculpas à aluna, e sim um e-mail enviado a todos presentes que em resumo dizia: “Desculpa, mas não me reconheço enquanto racista”. No e-mail ainda questionou se a estudante presente era mesmo a do tweet citado, pois havia diferenças entre um discurso falado e um escrito em uma rede social.

É nesse ponto que o silêncio vira estratégia. Talvez, se nesse momento, a aluna escolhesse ficar calada, talvez não viveria todo esse desgaste. Desgaste de ser taxada como covarde, que se esconde atrás de uma foto de mentira, colocada como maluca porque o discurso foi diferente do que o resumido em 41 palavras em uma rede social ou de confusa por atribuir gestos e palavras a uma pessoa que jamais pensaria ou faria algo dessa magnitude.

Pensar que uma pessoa preta ao afirmar o ato racista e se sentir ofendida com um ataque, para um professor em uma universidade não é suficiente, só sentimento da (do) estudante, não é o necessário. É necessário haver concordância, entre as duas partes, quem sofreu e quem cometeu o ato, caso não haja, não é racismo, é equívoco. E esse equívoco

é sempre partindo do lado de quem sofre, sempre, do lado mais escuro. Os professores possuidores de seus títulos e todos os brancos, em seu relato, tanto para Ágatha como para outros estudantes, se encontram completamente alheios aos questionamentos individuais de seus graduandos, principalmente quando se trata de uma (um) estudante preta (preto).

Kathelen discorre que esse silenciamento que a faculdade proporcionou foi visto com olhos de oportunidade, mas como uma oportunidade de se colocar dentro desse espaço acadêmico, mesmo que com pouquíssimas chances de discussão. Para ela, a falta de diálogo e de momentos para discursos tão importantes fizeram com que ela procurasse ainda mais compreender suas questões e em quais locais ela conseguiria tratar sobre ele. A oportunidade foi tratada como:

Deu, mesmo que sem querer né, porque na faculdade a gente não tem estímulo real pra isso, mas é o que acontece né, quase que psicologia reversa, de tanto que você é abordado, do tanto que é passado de maneira despercebida você consegue mais vontade de fazer, mais vontade de falar e descobrir. Talvez seja na falta de oportunidade que tenha surgido a própria oportunidade, talvez se a universidade não fosse tão omissa nessas questões eu não teria vontade de ir atrás de estudar e trabalhar com isso (Kathelen, 2022).

É aqui que a Universidade, como a conhecemos por enquanto, se coloca. Ela está como o princípio do silêncio e o principal silenciador. A discussão é quase extinta durante esses quatro anos de graduação e quando há a oportunidade de discussão, é ela a primeira a se colocar de fora e definir o que é certo sentir. É ela que traz esse poder gigante de dizer quem está certo e quem está errado. Devido às suas estruturas sociais nas quais a universidade foi formada e ainda é regida, unanimemente, pessoas pretas, quando sentem demais, são colocadas neste espaço de erro e silêncio. Quando questionada sobre sua relação com as discussões dentro de sala, Kethellen, uma das entrevistadas, afirma que:

Nunca tive problemas com professores não... quando os professores faziam ou falavam coisas que eu não concordava eu só deixava *pra* lá. Porque eu falava eu não vou gastar minha energia, eu não gasto mais energia com os outros. Não é que não tinha problema, o problema *tava* lá, eu só não tinha vontade de enfrentar e simplesmente fingia de morta (Kethellen, 2022).

A entrevistada afirmou que o tempo dela dentro da Faculdade, do início até os momentos atuais, foi de total silêncio. Por mais que ela discordasse, não havia nela forças suficientes para questionar e possibilitar que o outro compreendesse. Até porque ela

mesma tinha escolhido não assumir o papel de porta-voz das pessoas pretas dentro da sua sala. Ela mesma teria estabelecido esse limite para si quando disse:

Eu nunca me colocaria no lugar de o carro alegórico da negritude, a que estuda e explica para que todos entendam? Eu não. Todo mundo tem Google, eles que pesquisem por si. E assim também, se a professora tá lá falando que a miscigenação foi um processo lindo e incrível de como o brasileiro se constituiu não é possível que esse povo dentro da Universidade não tenha um pingão de pensamento crítico sobre isso” (Kethellen, 2022).

E, de fato, o pensamento crítico dentro das universidades quando se trata de questões raciais ou que envolvam minorias, não é questionada se não houver o incômodo. A entrevistada deixa nítido como o seu silêncio dentro das aulas tornou a sua trajetória dentro da faculdade um pouco mais tranquila quando afirma que:

Não[...] eu não. Falar sobre isso me cansa e eu aposto que se eu surgisse com alguma crítica a algum professor isso ia sobrar *pra* mim. É exaustivo até assistir a aula imagina se eu fosse falar sobre o que *tá* errado toda vez. Eu prefiro ficar calada, porque aí fica todo mundo falando o que quer, mas sem ninguém me incomodar. Eu *tô* sabendo que isso *tá* errado, pra mim *tá* ótimo (Kethellen, 2022).

Embora aqui não seja um caso de desconhecimento e sim de abstenção desse lugar de “a representante de todos os pretos”, a entrevistada usa da possibilidade de não falar, não questionar, buscando conforto para si. Olhando de fora, percebemos como um ato exclusivamente de proteção desse sujeito. A entrevistada, enquanto mulher preta, escolhe, pensando no seu próprio bem-estar, permanecer longe dessas discussões, buscando sempre não ser ferida e nem invadida dentro da sua subjetividade. Para outra entrevistada que já tinha estudado sobre questões raciais muito antes da sua entrada na universidade, disse: “A faculdade me cansou, eu fico exausta só de pensar em entrar em uma discussão sobre raça, eu sempre escolho ficar quieta” (Jenifer, 2022).

E isso, de maneira nenhuma, quer dizer que ela está se distanciando da resistência, que ela não luta tanto quanto os outros que investem o seu próprio tempo e conhecimento nesses lugares. Uma mulher preta, que está dentro de uma Universidade e que estabelece seus limites para não só estar, como permanecer ali dentro, já está resistindo. A resistência está na ocupação, tomar nossos lugares de direito. O silêncio vai além da falta de oportunidade, ele também se tornará oportuno.

5 Considerações Finais

A partir da minha própria vivência e desses relatos de vida, conseguimos destacar alguns pontos importantes dentro dessas entrevistas. Primeiramente, é importante ressaltar que essas vivências, desses sujeitos, independentemente de gênero ou sexualidade, sempre serão interpeladas pela questão da raça. A universidade pública colocou nesses indivíduos em uma posição de reconhecimento, de cor e de racialidade. Reconhecimento esse que, muitas vezes, não é realizado de maneira sutil ou apropriada.

O reconhecimento de si e do local que ocupam dentro da academia é imposto pelas relações sociais e suas hierarquias previamente estabelecidas. Esses locais pré-direcionados pela própria universidade tornam suas trajetórias mais tortuosas do que as do "comum branco". O não lugar de enfrentamento sem resolução é onde invisibilizarão seus sentimentos, e o diálogo será um monólogo pertencente a uma raça "dominante". É dentro desse ambiente que os entrevistados se compreenderam enquanto raça e discutiram questões nunca antes abordadas com tanto fervor.

No ambiente acadêmico, esses universitários se sentiram desafiados e, por muitas vezes, ameaçados por possuírem a cor que possuem. Porém, em algumas ocasiões, conquistaram a fala e a oportunidade do silêncio. E é dentro do silêncio que o obstáculo se coloca. Esses estudantes negros, como colocado por Kethellen, se encontram no fundo do poço devido ao abandono da discussão. Apesar das leis já aplicadas, a discussão dessas temáticas dentro de sala é praticamente nula.

Tais argumentações e pontuações não deveriam existir somente em momentos pontuais, como simpósios ou quando algum docente é acusado de racismo. Tratando-se da formação de professores, que lidarão com uma sociedade diversa, é uma pauta social que deveria ser discutida diariamente, sem falhas. Essa temporada na graduação proporciona a essas estudantes, discussões, estudos, brigas, acolhimentos, desrespeitos por ser uma pessoa negra e compreensão do ser um sujeito negro. E tudo isso não é proporcionado pela academia, mas pela sua formulação em si. O indivíduo racializado busca sobreviver em um ambiente que insiste em "fazê-lo morrer".

É preciso compreender que a capacidade destrutiva da instituição não está somente em falas e gestos, mas sim nos processos, nos currículos e na escolha do corpo docente que escolherá os autores, as didáticas e os preconceitos externalizados. Tais

indivíduos, que agora já completaram o seu ciclo dentro da graduação, criaram ferramentas para se manter e permanecer de pé lá dentro. A nossa projeção é que esses indivíduos continuem ocupando um lugar que é deles por direito, que parem de sobreviver e comecem a viver o ambiente acadêmico e as suas potencialidades. Esperamos assim que se mantenham firmes, a fim de ocupar esse lugar, torcendo para que os avanços das políticas sociais de inclusão tornem a trajetória dos próximos estudantes mais leve.

6 Referências

- ÁGATHA VITÓRIA. **Entrevista concedida a entrevistadora**. Goiânia, fevereiro. 2021.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.
- CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo. Editora Jandaíra, 2020.
- GOMES, Nilma Lino. Universidade Federal de Goiás. **Entrevista concedida a conferência do ciclo ‘Tempos presentes’**. Minas Gerais, junho, 2019.
- EDDO-LODGE, Reni. **Por que eu não converso mais com pessoas brancas sobre raça**. Traduzido por Elisa Elwine. Belo Horizonte – Letramento, 2019
- JENIFER CILENE. Entrevista concedida a entrevistadora. Goiânia, fevereiro. 2021.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- KATHELEN ROMEU. **Entrevista concedida a entrevistadora**. Goiânia, fevereiro. 2021.
- KETHELLEN UMBELINO. Entrevista concedida a entrevistadora. Goiânia, fevereiro. 2021.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MIGUEL OTÁVIO. **Entrevista concedida a entrevistadora**. Goiânia, fevereiro. 2022.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de racismo mascarado**. 3 ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1983.

